

comissão
Juliana JF
1/6/59

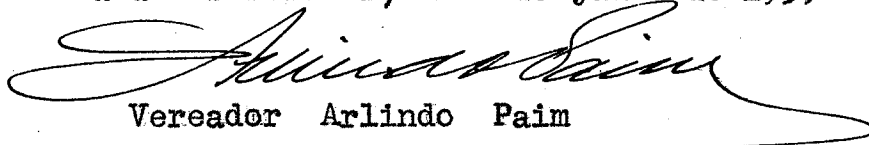
CÂMARA MUNICIPAL DE PINDAMONHANGABA

A Câmara Municipal de Pindamonhangaba, decreta :

Projeto de lei nº 57-59

- Art. 1º Fica o Prefeito Municipal de Pindamonhangaba, autorizado a dar o nome de Padre Claro Monteiro de Melo, a uma rua, praça ou travessa desta cidade.
- Art. 2º As despesas decorrentes da execução desta lei serão cobertas com verba própria do orçamento vigente.
- Art. 3º Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das sessões, em 1 de junho de 1959


Vereador Arlindo Paim

Registrado no livro próprio f. 43 v.
Ch. A. de Almeida
CP. Arlindo
4-6-59

CAPITULO DA HISTORIA DE APARECIDA

GENEALOGIA DO 1º. VIGARIO DE APARECIDA

O primeiro Vigário da «Capella d'Apparecida», nasceu no dia 1º de maio de 1851, em Pindamonhangaba.

Era de descendência nobre; filho do Capitão Bento Monteiro do Amaral e de dona Maria Monteiro Marcondes de Melo — neto do Visconde de Pindamonhangaba.

Ordenou-se sacerdote em Mariana, no dia 1º de abril de 1883, sendo logo nomeado Vigário da sua terra natal.

Foi nomeado primeiro Vigário de Aparecida, no dia 18 de novembro de 1893, tendo como coadjutor o Padre José Alves de Moura, até a vinda dos Padres Redentoristas em 28 de outubro de 1894, chegados da Baviera.

Monsenhor Claro Monteiro do Amaral muito trabalhou e com grande fé em Nossa Senhora Aparecida, refletiu a sua alma para o povo.

Houve então, uma grande elevação espiritual na «Capella da Santa».

Poucos anos após, em 1901, foi para São Manoel do Paraíso, na espinhosa tarefa de catequizar índios na noroeste.

Estava bem ciente de todos os perigos, sabia das ciladas e dos horrores dos sertões: deu o beijo na cruz e pensou na Terra de Santa Cruz. Já havia conseguido levar Jesus para os irmãos selvagens no Estado do Espírito Santo. Quería plantar o Santo Cruzeiro na colina, no morro de cada taba, na luz do guarany (sol) ou sob cairé (lua cheia).

Em Bauru organizou a sua «bandeira»; poucas pessoas e com um índio civilizado, entrou no mato.

Andou em canoas, pirogas, deixando mimos e presentes pelo caminho.

No início de 1901, dia 31 de janeiro, houve o primeiro encontro com os selvagens e Monsenhor Claro que sabia o guarani, conversou com os índios. Devido a não obediência de uma ordem, um da cavalaria deu um tiro para ame-

drontálos e flechas vararam o ar.

Monsenhor Claro na canoa, lembrava Jesus que estava na margem do lago de Genesareth e vendo duas barcas, entrou em uma destas que era de Simão, para ensinar o povo.

Monsenhor Claro recebeu uma flecha dos índios kaingang e seu corpo foi atingido por golpes de cacetete, no município de Penápolis.

Um lírio no jardim do céu! O seu nome foi dado a ruas em algumas cidades.

Aqui em Aparecida temos a Rua Padre Claro Monteiro — é uma descida que vai para o Seminário Santo Afonso.

É uma subida que leva à Basílica Nacional de Nossa Senhora Aparecida, onde Padre Claro ergueu o cálice, ofertando a hóstia e a Vida.

Um lírio para o Vaso Espiritual!

Sua nobre genealogia

Dissemos de início, que Monsenhor Claro Monteiro era de descendência nobre e para os leitores e estudiosos, vamos apresentar a linhagem do grande servo de Deus.

Teve o Monsenhor Claro, um irmão sacerdote, Padre Bento Monteiro de Melo, um

dos mais belos ornamentos do clero paulista; nasceu a 9 de outubro de 1867, em Pindamonhangaba.

Em 1879 iniciou seus estudos no Colégio Caraga.

Foi Vigário em Mococa, onde fundou um Colégio cujo edifício era um templo consagrado à instrução e erigiu também a Igreja Matriz.

Recebeu as honras de Cônego em 29 de junho de 1897 e após estar 14 anos em Mococa, foi removido a 17 de junho de 1904 para Jau, onde serviu a Igreja com zelo e inteligência.

Monsenhor Claro Monteiro, era neto pela parte paterna do Capitão Claro Monteiro do Amaral e de dona Francisca de Paula de Oliveira Godoi.

O avô paterno era irmão dos Padres Manoel Monteiro do Amaral e do Padre Domingos Marcondes Monteiro, que foi Deputado à Assembléia Provincial.

Monsenhor Claro era bisneto pela parte paterna, do Alferes Manoel Monteiro de Castilho e de dona Antonia Marcondes do Amaral. O Alferes Manoel de Castilho, exerceu em Pindamonhangaba, repetidas vezes, os cargos honorários da Governança da Vila, entre os quais o de Juiz Ordinário em 1773 e 1791, tendo feito todos os estudos para a carreira sacerdotal e não se ordenando por motivos independentes de sua vontade.

Foi em Pindamonhangaba, um dos homens de mais cultura e de maior prestígio.

Monsenhor Claro Monteiro, era neto pela parte materna, de Francisco Marcondes Homem de Melo, Barão e Visconde de Pindamonhangaba e de sua primeira mulher, Ana Francisca de Melo. Era sobrinho do Doutor Francisco

Inácio Marcondes Homem de Melo, que é o Barão Homem de Melo.

Era bisneto, pela parte materna, do Capitão Mór José Homem de Melo e de dona Maria Marcondes de Andrade e também bisneto do Capitão Mór Francisco Homem de Melo e de dona Maria Francisca Guimarães.

Pertence Monsenhor Claro Monteiro à gloriosa estirpe dos Marcondes que até a 4ª geração produziu mais de vinte notáveis sacerdotes e cerca de dezessete titulares do Império, entre os efetivos e consortes.

Eis a fidalga genealogia do Primeiro Vigário de Aparecida.

(Prof. Conceição Borges Ribeiro Camargo)

DESAPARECIDO

Francisco Praxedes pede notícias de sua irmã Selma Lopes Praxedes que se acha residindo em Brasília. Há vários meses não temos notícias. Escrever para expost. 12.651, São Paulo.

A REVISTA DO CHÁCARAS

Amigo agricultor, não vista Chácaras e Quintais. O repertório completo de artigos redigidos por uma equipe zelosos. O preço de uma assinatura: Peça um exemplar como a

Faça hoje ainda o seu Tabatinhiera, 122 — ex po

ESTAMPAS E CARTÕES

pelo correio registrado
ESTAMPAS A UMA CÔR

COLUNA D

Recebemos e atendemos as cartas dos seguintes agentes: Paulo Bernardes dos Santos (Cruzília, MG.) Três talões de assinaturas. João da Silva (Pindamonhangaba)